

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

Is it possible for us to continue asking about the everyday experiences of LGBTTQIAPNb+ bodies?

Franklin Kaic Dutra-Pereira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa-Brasil

Saimonton Tinôco
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Areia-Brasil

Resumo

Como uma escrita, composta de perguntas, pode desafiar as normas acadêmicas? É possível promovermos compreensões outras sobre corpos, dissidências, pedagogias e estudos com os cotidianos? Quais problemáticas as perguntas podem acionar, ao investigarmos as dissidências dos corpos LGBTTQIAPNb+? O que emerge de uma abordagem que valoriza a incerteza e, como isso, questiona a prática científica? Como mantermos a abertura para conexões, brechas e trajetórias LGBTTQIAPNb+ que ainda não foram traçadas? Como alianças e tensões, dentro da comunidade queer, são compreendidas através da abertura à dúvida? Como produzirmos outras narrativas, em que vidas LGBTTQIAPNb+ sejam ouvidas e valorizadas? Quantas ampliações são possíveis, quando (nos) perguntamos sobre corpos queers? Quanta(s) vida(s) são produzidas nestas perguntas, que se (re)traduzem em linhas de fuga? É possível continuarmos perguntando?

Palavras-chave: Corpos dissidentes; Metodologia da pergunta; Estudos queer.

Abstract

How can a writing composed of questions challenge academic norms? Is it possible to promote other understandings of bodies, dissidences, pedagogies and studies with everyday life? What issues can question trigger when we investigate the dissidences of LGBTTQIAPNb+ bodies? What emerges from an approach that values uncertainty and, how does this question scientific practice? How can we maintain openness to connections, gaps and LGBTTQIAPNb+ trajectories that have not yet been traced? How are alliances and tensions within the queer community understood through openness to doubt? How can we produce other narratives, in which LGBTTQIAPNb+ lives are heard and valued? How many expansions are possible when we ask (ourselves) about queer bodies? How many lives are produced in these questions, which are (re)translated into lines of flight? Is it possible to continue asking?

Keywords: Dissident bodies; Methodology of the question; Queer studies.

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

O que acontece quando escolhemos escrever apenas com perguntas?

Pervertido? Mal-amado? Menino malvado? Cuidado?
Má influência? Péssima aparência? Menino indecente? Viado?
(Não Recomendado – Caio Prado, adaptação nossa)

O que acontece se escolhemos escrever apenas com perguntas? Como uma escrita, que se recusa a fornecer respostas, desafia a estrutura própria do discurso acadêmico e suas demandas por conclusão? Que potencialidades emergem quando o texto se transforma em um campo de interrogações, de incertezas, de sentidos em aberto? Qual é a força de nos interrogarmos continuamente, por não nos deixarmos capturar pela fixidez das afirmações? De que maneiras a opção por um texto composto de perguntas subverte a lógica de controle, que persevera em estabilizar significados? Até que ponto a persistência na pergunta pode ser lida como uma recusa em participar de um regime de verdade, que busca a imposição de certezas?

Como o gesto de perguntar incessantemente desestabiliza a hierarquia entre quem sabe e quem não sabe? O que significa pensar a escrita como um processo, que privilegia o devir e a multiplicidade, em vez da conclusão e da síntese? Em que medida a escritura de perguntas reflete uma postura estética, política e ética de abertura, nosdoscom os cotidianos, ao inesperado e ao indefinido? Como as perguntas podem funcionar como atos de resistência contra a rigidez das categorias, o fechamento de sentidos e o esgotamento das possibilidades? O que emerge quando o foco não está na resposta, mas na proliferação dos questionamentos? Quais são os papéis da ambiguidade e da indeterminação, na escrita que se recusa a fornecer respostas definitivas?

Como essa prática de perguntar ressoa com a perspectiva pós-estruturalista, que desconstrói as certezas, desestabiliza as verdades e expõe as ficções naturalizadas? Até que ponto o ato de perguntar revela a contingência e a historicidade dos discursos que tomamos como certos? De que modos o textoquestionamento encarna uma crítica ao desejo de controle e à produção de significados únicos e universais? Quais epistemologias são convocadas, quando se privilegia a dúvida, a hesitação, o movimento? Como as perguntas desafiam as hierarquias que insistem em classificar, ordenar e fixar o conhecimento?

Que efeitos são produzidos em quem lê, quando se defronta com uma escrita que não lhe oferece certezas, mas lhe arrasta para o fluxo da indagação? Como as perguntas, ao invés de buscar um fim, se tornam um modo de habitar o pensamento em sua abertura radical? Em que medida, a recusa em fornecer respostas pode ser lida como uma forma de rebeldia à

lógica do progresso, da linearidade e da conclusão? Como as questões não respondidas abrem fissuras nas narrativas totalizantes, que pretendem capturar e explicar o real? Até que ponto essa prática de perguntar incessantemente se torna um método de investigação, que privilegia a incerteza e o deslocamento?

Em que medida a perseguição da pergunta problematiza as noções de autoria e de autoridade? Como um texto, que se compõe de interrogações incessantes, desafia a ideia de que o conhecimento precisa ser sólido, irrefutável, fundamentado em respostas precisas? Qual é a relação entre uma escrita que se entrega à pergunta e uma ética da incerteza, do risco, do não saber? Até que ponto essa prática de interrogar o texto, o pensamento, o mundo torna-se um método de investigação, que acolhe a multiplicidade, a contradição e o movimento como forças criadoras? Como a pergunta se torna, nesse contexto, uma ferramenta de abertura radical ao desconhecido, uma maneira de não ceder à tentação da certeza?

O que significa escrevermos um texto composto apenas por perguntas, que trata de questões LGBTTQIAPNb+? Como a nossa escolha se articula com uma postura que insiste em desconfiar das verdades estabelecidas e tensiona as formas de poder que sustentam tais verdades? Que potencialidades e rupturas emergem, ao priorizarmos a suspeita em vez da garantia? Em que medida a multiplicidade das perguntas pode desestabilizar os saberes naturalizados na educação e nas vivências da comunidade LGBTTQIAPNb+? Quais epistemologias e metodologias são mobilizadas quando a não certeza orienta o processo de produção do conhecimento?

Como a prática de perguntar constantemente desloca as categorias identitárias e os modos de pertencimento dentro das comunidades queer? Em que medida a insistência na pergunta permite escapar das armadilhas da identidade fixa e normativa? Como as perguntas podem funcionar como forma de distanciamento daqueles discursos que tentam domesticar a diferença e regular as formas de ser, existir e aprender? Como o ato de interrogar sucessivamente esgarça as fronteiras entre o normal e o patológico, entre o que é aceitável e o que é marginal? Até que ponto o gesto de perguntar consecutivamente desafia a lógica binária, que estrutura muitas práticas pedagógicas e culturais?

A educação, enquanto campo de produção de subjetividades, pode ser reimaginada a partir de uma ética do questionamento? Como a persistência em perguntar pode abrir fissuras

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

nos discursos normativos que permeiam o currículo, a didática e as políticas educacionais? Como indagar o não-saber na sala de aula, especialmente em contextos de diversidade de gênero e sexualidade? Como o exercício da dúvida pode transformar a educação em um processo mais inclusivo, que respeita a multiplicidade, a fluidez e a ampliação das diferenças? Em que medida a recusa de respostas prontas na educação pode desafiar o desejo de controle e a reprodução de relações de poder? Como uma pedagogia que privilegia a pergunta pode fomentar uma ética de abertura ao outro e ao desconhecido?

Como a proliferação de perguntas ressoa com as perspectivas teórico-metodológicas que questionam a estabilidade do sentido nos estudos culturais? Em que medida as perguntas podem desarticular as narrativas hegemônicas, que pretendem capturar e normatizar corpos e subjetividades dissidentes? Como os estudos culturais, ao incorporarem uma perspectiva pós-crítica, podem oferecer novas formas de pensar o poder, a resistência e a identidade? Que modos de existência e pertencimento emergem, quando nos recusamos a definir rigidamente os contornos das identidades LGBTTQIAPNb+? Como a pergunta se torna uma ferramenta para explorar as operações de poder que silenciam, normatizam ou marginalizam vivências e expressões queer?

O ato de perguntar continuamente pode ser visto como uma forma de desobediência epistemológica? Como as perguntas, ao invés de fornecerem uma resposta final, mantêm em suspensão a possibilidade de múltiplos sentidos e narrativas? O questionamento continuado pode ser lido como uma rejeição à linearidade do pensamento e da história, convocando uma temporalidade queer que resiste à lógica do progresso e da conclusão? Como a escrita feita só de perguntas nos convida a um pensar que se move entre disciplinas, diferenças e modos outros de existência, sem se fixar em um ponto de chegada? Que ética e que política e que poética e que estética surgem quando o pensamento não se compromete com a produção de respostas, mas com a manutenção de um espaço de indeterminação?

Como as perguntas reconfiguram as relações de poder dentro das comunidades LGBTTQIAPNb+, especialmente quando provocam hierarquias internas e categorias cristalizadas? Em que medida as questões podem revelar as tensões entre diferentes posicionamentos identitários e perspectivas políticas? Como a prática de perguntar rigorosamente pode nos ajudar a construirmos espaços de coalizão que não sejam baseados em identidades fixas, mas em alianças instáveis e fluidas? De que modos a insistência na dúvida pode fortalecer a solidariedade dentro da comunidade LGBTTQIAPNb+, ao desafiar os

processos de exclusão e normatização? Como a propagação de perguntas pode ser vista como uma estratégia para descentralizar o discurso dominante e criar novos horizontes para pensarmos a educação, a cultura e as práticas de resistência queer?

Que efeitos a escrita composta só de perguntas tem em quem as lê, ao nos fazer o convite para um espaço de incerteza e indeterminação? Como essa prática desorganiza a expectativa por respostas e por conclusões precisas? Que outras formas de pensar, sentir e agir são convocadas quando se insiste na pergunta, quando a dúvida se torna um modo de habitar o mundo? Como o texto interrogativo tensiona as lógicas da racionalidade e da explicação, que estruturam a maior parte dos discursos acadêmicos e culturais? Até que ponto a escrita que se compõe de perguntas pode ser lida como uma forma de experimentação, uma tentativa de abrir brechas no pensamento estabelecido, ao explorar novas possibilidades de existência e de conhecimento?

Quais são os objetivos e os consequentes resultados de adotarmos uma abordagem metodológica que valoriza a incerteza e a multiplicidade? Como isso pode transformar a prática pedagógica e a pesquisa acadêmica, no que se refere sobretudo aos estudos queers? Como alianças, tensões e multiplicidades dentro da comunidade LGBTTQIAPNb+ podem ser compreendidas, por meio de um discurso que se recusa a fixar respostas? Qual é o impacto da dúvida, na/para a construção de novas formas de resistência e solidariedade? Como podemos continuar a perguntar e a explorar o pensamento, sem ceder ao fechamento de sentido? De que modos podemos manter a abertura e a flexibilidade para novas descobertas e interpretações?

O que significa escrever um artigo composto inteiramente por perguntas, ancorando-nos nas filosofias da diferença? Como o ato de recusar respostas e determinações de sentido privilegia o devir e seus modos de pensar e existir? De que formas a inspiração nos estudos culturais e nos dias com os cotidianos possibilita que o questionamento contínuo se torne um gesto de resistência contra a captura do pensamento pelo já dado, pela verdade única ou pela identidade colada? E se, em vez de buscar soluções, o pensamento se proliferasse como um rizoma, sem centro ou hierarquia, onde cada pergunta abrisse novas direções?

Como essa prática metodológica subverte as expectativas da escrita acadêmica que valoriza certezas e conclusões, propondo em seu lugar um movimento afirmativo de indeterminação? De que maneiras a dúvida pode ser vista não como um intervalo para a

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

resposta, mas como uma prática afirmativa que valoriza a multiplicidade e o surgimento de novas linhas de fuga? Ao nos afastarmos das narrativas lineares, que tipo de cartografia surge? Como registrar cartografias que sejam vivas, sentimentais, micropolíticas e mutáveis? Como transformar o percorrido, à medida em que experimentamos descrevê-lo de outros modos? Como produzir e experimentar novos mundos, atravessados por uma escrita que se pretende inventiva?

Como um artigo que interroga firmemente as normas, as epistemologias, as perguntas, as dúvidas e as vivências pode funcionar como uma forma de resistência ao estabelecido e, ainda, como abertura para modos outros de existir e conhecer sobre os mundos LGBTTQIAPNb+? Até que ponto a ética da incerteza, ao recusar a verdade privilegiada como regime de poder, possibilita que o inexplorado e o não dito encontrem espaços de expressão? O que acontece se não considerarmos o questionamento contínuo como uma ausência de direção, mas enquanto uma estratégia na qual o pensamento é movimento, fluxo e criação constante?

Como uma cartografia em perguntas traça linhas de fuga e mantém o pensamento em movimento?

Como a cartografia, enquanto método de pesquisa, pode capturar linhas de fuga e pensamentos em suspensão, que atravessam as dissidências dos corpos LGBTTQIAPNb+? De que modos a cartografia se diferencia de metodologias que buscam respostas, oferecendo em vez disso um mapeamento aberto e sempre inacabado, no qual as perguntas permanecem em constante movimento? De quais maneiras a cartografia desafia a definição de identidades e verdades, ao criar um espaço de exploração contínua, onde experiências e vivências dissidentes são mapeadas como fluxos e desvios em constante transformação?

Qual é o objetivo de adotarmos uma metodologia cartográfica para investigarmos as vivências queers, se não permitimos o pensamento fluir, com a intenção de desestabilizar os sentidos? Como o ato de perguntar, quando guiado pela cartografia, se torna uma prática ética, estética, política e poética, que mantém as tensões e as incertezas vivas no processo de pesquisa? De que maneiras a cartografia permite que as experiências de corpos dissidentes sejam compreendidas não através de respostas dadas, mas como movimentos que se multiplicam e se reinventam continuamente, sem jamais alcançar um ponto final?

De que modos a cartografia, ao se recusar a finalizar ou fixar um mapa, reflete a necessidade de permanecer em suspensão e de sempre retornar às perguntas? Como essa perspectiva teórico-metodológica-epistemológica, situada na indeterminação e na multiplicidade, oferece formas de resistirmos às normas e categorias hegemônicas que buscam encerrar e regular as dissidências? De que modos a cartografia, ao traçar linhas de fuga que jamais se completam, convoca-nos a continuar perguntando, explorando, experimentando, inventando?

Como a cartografia pode acolher a multiplicidade de vozes e corpos dissidentes, sem a necessidade de cravá-los em territórios predefinidos? De que maneiras um mapa, ao invés de representar territórios estáveis, se torna uma superfície de emergência para novas subjetividades e modos de existir, disparados pela pergunta? Como a cartografia pode, ao evitar o fechamento de sentido, permitir que corpos LGBTTQIAPNb+ escapem de narrativas que tentam enquadrá-los em categorias normativas e limitantes?

Se o método da cartografia possibilita a identificação de linhas de fuga e, com isso, a criação de novos caminhos, de que maneiras pode contribuir para que a pesquisa seja um processo sempre em movimento? De que modos as perguntas que emergem na cartografia funcionam como vetores de resistência, mantendo as dissidências LGBTTQIAPNb+ em constante reinvenção e reconfiguração? Como a prática cartográfica pode levantar tensões e reconhecer fraturas que constituem as vivências queer, evitando tentativas de estabilização e homogeneização de tais experiências?

De que maneiras uma cartografia produzida com a escrita de perguntas se diferencia de metodologias que afirmam e garantem, ao priorizar um movimento que permanece em constante agitação e, por isso, em transformação? Como o escrever exclusivamente em perguntas revela as linhas de fuga e os pensamentos em suspensão de uma perspectiva cartográfica, possibilitando que às diferentes dissidências se desloquem de classificações ortodoxas? De que modos o ato de escrever perguntas continuamente se aproxima do princípio cartográfico de mapear processos em aberto, nos quais as respostas não são o fim, mas parte de um percurso fluido e imprevisível?

Se a cartografia é uma prática que dá a ver caminhos, como uma escrita que pergunta pode explorar incertezas e tensões que atravessam os corpos LGBTTQIAPNb+, produzindo outros possíveis para não sufocarmos? De que modos a cartografia, ao se manifestar em

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

perguntas, abre um campo de pesquisa para a exploração de múltiplas possibilidades de sentido? Como essa escrita cartográfica e indagativa sustenta uma ética de resistência, ao insistir na multiplicidade e na fluidez das experiências queers?

Como uma cartografia que somente indaga nos desafia a pensarmos em termos de movimentos, desvios e multiplicidades, em vez de garantias e destinos previamente determinados? De que maneiras essa intervenção perguntadeira, que se recusa a concluir, mantém o pensamento em ebulação como uma linha que nunca cessa de se desdobrar? Ao produzirmos uma cartografia com/como escrita de perguntas, como podemos manter a abertura para conexões, brechas e fluxos que ainda não foram riscados?

As práticas de questionamento podem promover formas de aliança e resistência?

O que significa ter um corpo que é lido como (des)viado, em uma sociedade que busca regular e classificar para controlar? Como o instituído sobre gênero e sexualidade é construído e naturalizado como/no discurso dominante? As identidades e expressões de gênero, enquanto performances, têm desafiado a ideia biologizada de essência? De que formas corpos dissidentes LGBTTQIAPNb+ resistem à imposição de um sistema binário e conservador? Como a noção de corpo como texto se realiza em experiências de pessoas trans, não bináries e com outras identidades dissidentes?

Quais relações de poder e regime discursivo marcam os corpos e as subjetividades dissidentes? Quais os alcances da medicalização e da patologização de identidades, gêneros, orientações e sexualidades enquanto mecanismos de controle biopsíquicosocialcultural? Como o conceito de biopoder ajuda a entendermos as formas pelas quais corpos LGBTTQIAPNb+ são geridos, regulamentados e marginalizados? Até que ponto os dispositivos de saber e poder atuam para produzir corpos “normais” e “anormais”? Como o deslocamento da ideia de verdade pode abrir espaço para múltiplas formas de existência e subjetividade?

Como a linguagem constrói e delimita a inteligibilidade e a visibilidade de corpos dissidentes? Em que alcance a heteronormatividade se infiltra nas práticas discursivas cotidianas e institucionais? De que formas a repetição dos significantes produz efeitos materiais e corporais de diferenciação? Até que ponto a performatividade permite pensarmos as maneiras pelas quais corpos dissidentes subvertem ou reiteram normas sociais? É possível desvincularmos identidade de gênero e expressão corporal da lógica binária? Como as políticas de identidade influenciam na produção de corpos dissidentes?

De que maneiras os discursos jurídico e religioso participam na construção de corpos

que são classificados como desviantes? De que maneiras os discursos sobre “natureza” e “ordem” são empregados para justificar a opressão e a exclusão? Como as normatividades corporais e identitárias são inscritas no espaço público e nas instituições? De que modos a marginalização de corpos dissidentes é sustentada por práticas discursivas que reiteram dicotomias de gênero e sexualidade? O que está em jogo quando se naturaliza as ideias de um “corpo verdadeiro” e de “sexo adequado”?

Como as políticas de visibilidade e representação impactam a luta por reconhecimento de corpos dissidentes? Até que ponto a assimilação de normas dominantes enfraquece e reforça a resistência dissidente? É possível articularmos uma ética queer que não reproduza o essencialismo e a fixidez identitária? Como as práticas de resistência se manifestam nos corpos e nas performances queer? Quais são os riscos de cairmos em essencialismos identitários, ao tentarmos subverter as normas hegemônicas?

Qual é o papel das tecnologias biomédicas na regulação e na modificação dos corpos queer? De que formas as cirurgias em corpos trans podem ser vistas tanto como uma afirmação identitária quanto de controle biopolítico? Como as práticas cirúrgicas e hormonais interagem com a questão da autodeterminação de corpos dissidentes? Quais as conexões entre desejo, corpo e poder, na construção de subjetividades queer? De que maneiras as práticas de modificação corporal podem ser vistas como um campo de disputa entre resistência e normalização?

Como os movimentos sociais de pessoas dissidentes articulam suas demandas por direitos e reconhecimento, sem caírem nas armadilhas da *cisheteronormatividade*? De que maneiras a noção de direito pode ser tanto uma ferramenta de emancipação quanto de controle? De que formas as instituições legais e médicas moldam a legitimidade dos corpos dissidentes? Como os direitos humanos podem abranger a complexidade das vivências queers sem reforçar a lógica binária? Como corpos dissidentes podem subverter as estruturas que pretendem regular e categorizar as diferenças?

Como a literatura, o cinema e outras formas de arte contribuem para a desconstrução das normas corporais e sexuais? Qual é o papel da cultura pop na reprodução e subversão das normatividades de gênero e sexualidade? De que formas a representação midiática de corpos dissidentes pode ser tanto uma ferramenta de resistência quanto um instrumento de regulação? É possível desestabilizar a lógica da representação sem reproduzir a

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

espetacularização dos corpos dissidentes? Como a estigmatização e a fetichização de corpos queer se articulam com o desejo e a construção de imaginários sociais?

Como as práticas de cuidado e solidariedade entre/com corpos dissidentes subvertem a lógica nuclear de família e outras formas instituídas de relações interpessoais? Em que medida as redes de apoio queer oferecem alternativas aos equipamentos socialmente estabelecidos de cuidado? De que formas as práticas de afeto, prazer e erotismo queer desafiam as concepções clássicas de intimidade e relacionamento? Como a erotização dos corpos dissidentes pode ser tanto um ato de resistência quanto uma armadilha normativa? Qual é o papel da memória e da história na construção de uma genealogia dos corpos dissidentes?

Como corpos dissidentes enfrentam a violência institucionalizada e os regimes de controle social? De que formas as violências simbólica e física se manifestam contra identidades dissidentes? De que maneiras a criminalização das dissidências de gênero e sexualidade é uma expressão do biopoder? Como a resistência à violência pode ser pensada de maneira coletiva, sem reproduzir lógicas individualistas? Qual é o lugar da utopia na imaginação de futuros dissidentes, em que corpos queer possam existir em toda a sua complexidade?

Como os corpos dissidentes LGBTTQIAPNb+ se tornaram objetos de saber e controle dentro de sistemas institucionais como a escola, a universidade, a igreja e o hospital? De que maneiras as práticas de classificação e categorização, próprias dessas instituições, reiteram as fronteiras entre o “normal” e o “patológico”? Até que ponto os discursos sobre a saúde mental de pessoas queer perpetuam lógicas de exclusão e controle? Como as políticas de inclusão social em ambientes educativos e profissionais podem, ao mesmo tempo, acolher e excluir corpos dissidentes? De que modos a ideia de inclusão se torna uma forma de assimilação que apaga a diferença em vez de celebrá-la?

De que formas as epistemologias queer e transfeminista desestabilizam a produção de conhecimento tradicional, centrada na lógica binária e cisheteronormativa? Qual é o impacto de se questionar a noção de uma verdade universal e objetiva, na construção de saberes dissidentes? Como os estudos Contracoloniais dialogam com as questões queers, na contestação das normatividades impostas por projetos coloniais e eurocêntricos? De que modos a resistência à normatividade exige uma rejeição completa do sistema de categorias identitárias?

Como a performatividade de gênero revela as fragilidades e contradições das normas que regulam corpos e comportamentos? Quais são as possibilidades de agência para corpos queers, dentro de um sistema que constantemente os tenta regular e controlar? Em que medida a fragmentação identitária pode ser uma forma de resistência à homogeneização? De que modos a fluidez identitária desafia a lógica de fixidez exigida pela modernidade? Como pensar a questão do desejo e da erotização de corpos queers, de maneira que não se reduzam a questões de identidade estável e regular?

Como a noção de “monstruosidade” pode ser reappropriada por corpos dissidentes, enquanto forma de resistência ao que é considerado padrão? Com que meios a celebração das margens e do abjeto pode ser vista como uma estratégia de subversão das normatividades? De que maneiras corpos considerados “anormais”, pelo discurso hegemônico, reconstruem suas próprias narrativas para desafiar os significados impostos? Quais são as implicações éticas e políticas de se recusar as demandas impostas pelo sistema heteronormativo? Como a recusa à transparência e à inteligibilidade pode ser uma forma de resistência queer?

Qual é o lugar da afetividade e da coletividade nas práticas de resistência de corpos dissidentes? De que modos as práticas comunitárias queer desafiam a centralidade da família nuclear na organização social? Como as redes de apoio queer tomam os conceitos de parentesco e laço afetivo? De que formas a noção de cuidado é ressignificada, a partir de uma ética queer que desafia as lógicas de produtividade e eficiência impostas pelo capitalismo? Como pensar em práticas de autocuidado e cuidado coletivo que não estejam subordinadas às demandas de um sistema que medicaliza e normatiza corpos dissidentes?

Como a relação entre corpo e território se manifesta em pessoas dissidentes, que desafiam as fronteiras geopolíticas e culturais? De quais maneiras a experiência da migração e do deslocamento afeta a vivência de identidades dissidentes? Quais são os desafios enfrentados por corpos dissidentes racializados, cujas experiências interseccionam tanto com questões de gênero e sexualidade quanto com o racismo e a xenofobia? Como o colonialismo, tanto histórico quanto contemporâneo, molda as percepções e políticas em torno de corpos dissidentes? De quais modos as práticas de resistência queer podem se articular com perspectivas anticoloniais e antirracistas?

Como corpos dissidentes queers se movimentam e ocupam o espaço público, em

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

contextos em que os excessivos controles e a violência regulam o acesso a tais espaços? De que formas a arquitetura e o planejamento urbano refletem e reforçam a cisgenderonormatividade? De quais maneiras pensarmos em espaços urbanos que sejam realmente inclusivos, que não imponham restrições normativas a corpos dissidentes e suas demonstrações afetivas? De que formas os espaços de resistência queer criam alternativas às lógicas de exclusão e marginalização social? Como as ocupações temporárias de espaços podem ser vistas como práticas de resistência e reconfiguração da ordem urbana?

De que jeitos a incorporação de discursos sobre diversidade e inclusão, pelo capitalismo, pode interferir nas lutas queers? Como evitar que as dissidências sejam cooptadas e transformadas em produto de consumo, que reafirma o sistema neoliberal? Qual é o impacto da mercantilização de corpos dissidentes, na luta por transformação social? De que maneiras o *pinkwashing*ⁱ é empregado como estratégia para desviar o foco das violências sistêmicas sofridas por pessoas queers? Como resgatar o potencial subversivo de práticas queers, sem que elas sejam capturadas pelas lógicas do mercado neoliberal e da religiosidade neoconservadora?

Como as práticas artísticas queers podem desestabilizar a estética dominante e, com isso, criarem outras formas de composição e expressão? De que maneiras os corpos dissidentes se tornam ferramentas de criação artística e performática, que desafiam as fronteiras entre arte e política? Como pensar em outras estéticas queers, que recusem as definições fixadas de belo e grotesco? Em que medida a arte queer pode ser uma forma de resistência à normalização dos afetos, desejos e expressões? Até que ponto a transgressão estética pode ser uma estratégia de desconstrução das normas sociais impostas aos corpos dissidentes?

Como a ideia de identidade estável e coerente é desafiada pelas experiências de corpos dissidentes? De que formas a fragmentação e a multiplicidade identitária podem ser pensadas como formas de resistência? De que modos a noção de "diferença" é mobilizada, em discursos que buscam enquadrar e marginalizar corpos dissidentes, sobretudo em tempos de políticas neoconservadoras-neoliberais-cristãs?

De que maneiras as categorias identitárias podem ser simultaneamente ferramentas de empoderamento e dispositivos de controle? Como o processo de nomeação de identidades dissidentes é uma forma de sujeição ao poder? De que modos os corpos dissidentes navegam entre a necessidade de visibilidade e a resistência à normalização,

impostas pela rotulação? De que formas a invenção de novas categorias identitárias desafia a taxonomia dominante de gênero e sexualidade? É possível pensarmos em subjetividades que não dependam da fixação em categorias identitárias? De que maneiras a desidentificação com categorias normativas pode ser uma estratégia política?

Como a construção de narrativas sobre corpos dissidentes em plataformas midiáticas contribui para a produção de regimes de verdade? De que jeitos a mídia reproduz e desafia as normatividades impostas pelo sistema cisheteronormativo? De quais maneiras os discursos sobre corpos dissidentes variam entre diferentes contextos culturais e geográficos? De que formas a circulação global de discursos sobre diversidade afeta as lutas locais por reconhecimento e direitos? Quais são as tensões entre a universalização de certos discursos sobre diversidade e a necessidade de abordar especificidades contextuais? Como a intersecção entre raça, classe, geração, crença e deficiência amplia a produção das diferenças de gênero e sexualidade?

De que formas o conceito de normalização pode ser aplicado à regulação de corpos dissidentes? Como a biopolítica atua para administrar, disciplinar e regular corpos considerados “fora da norma”? De quais maneiras as práticas de autogestão corporal, por parte de corpos dissidentes, resistem às formas de controle impostas por instituições médicas, religiosas, jurídicas e sociais? De que modos as práticas de modificação corporal (como cirurgias e hormonização, por exemplo) desafiam ou reafirmam as normatividades impostas aos gêneros? Como pensar em uma ética do cuidado que respeite a autodeterminação de corpos dissidentes?

Quais as implicações éticas e políticas de se considerar o corpo como um campo de luta e contestação? Como a noção de corpo como território desafia as formas tradicionais de subjetividade? De que maneiras a resistência corporal pode ser articulada a uma perspectiva de prazer e desejo, em vez de dor e sofrimento? De que formas as práticas de resistência queer podem reconfigurar as noções de saúde e bem-estar? De quais jeitos os corpos dissidentes criam territórios de existência coletiva, que escapam das lógicas dominantes?

Como o conceito de cidadania sexual é articulado, em diferentes contextos, e como ele impacta os corpos dissidentes? De que formas o acesso a direitos é condicionado pela conformidade a certas ideias de gênero e sexualidade? De que modos a luta por cidadania para corpos dissidentes pode desafiar e reproduzir as lógicas exclucentes do Estado-nação?

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

Como pensarmos em formas de cidadania que não dependam da subordinação às normas hegemônicas de gênero e sexualidade? De quais maneiras a demanda por inclusão no sistema jurídico pode limitar a potência subversiva das práticas queers?

Como as práticas religiosas contribuem para a regulação ou subversão das normas de gênero e sexualidade? De quais maneiras os discursos religiosos hegemônicos neoconservadores-neoliberais-neopentecostais-cristãos reforçam a cisheteronormatividade? Como as teologias queers reconfiguram as relações entre corpo, espiritualidade e dissidência? De que formas as práticas espirituais de corpos dissidentes podem oferecer novas formas de conexão e comunidade, que desafiem as normatividades? Como a noção de sagrado pode ser ressignificada, para incluir e celebrar a diversidade dos corpos dissidentes? Quais são os desafios e as possibilidades de criarmos espaços religiosos e espirituais que sejam inclusivos e afirmativos para todas as identidades dissidentes?

Como a noção de "privilégio cishetero" é operacionalizada nas dinâmicas sociais e institucionais? De que modos a visibilidade de certas identidades dissidentes pode reforçar a invisibilização de outras? De que formas o conceito de interseccionalidade pode ajudar a complexificar as análises sobre as opressões vividas por corpos dissidentes? De quais maneiras as hierarquias, dentro do próprio movimento LGBTTQIAPNb+, reproduzem as lógicas de exclusão que se busca combater? Como construir alianças e solidariedades, que levem em conta as múltiplas opressões e privilégios presentes nas vivências dissidentes? De que formas o debate sobre privilégio pode ser instrumentalizado para dividir em vez de unir as lutas dissidentes?

Como a relação do desejo se manifesta nas dinâmicas de atração e repulsa, dentro das comunidades dissidentes? De que maneiras o desejo é regulado por normas de raça, classe e corporalidade? De quais formas corpos dissidentes podem reconfigurar as práticas de desejo e prazer, para escapar das lógicas normativas? Quais são os limites e as potências da erotização dos corpos dissidentes, enquanto forma de resistência? Como pensar em práticas de desejo que não se subordinem às normas impostas pelo capitalismo e pela cisheteronormatividade? Até que ponto a construção de imaginários eróticos dissidentes pode ser uma forma de luta política?

Como imaginar futuros dissidentes que não reproduzam as violências do presente? De que maneiras a ideia de um “futuro melhor” pode ser uma armadilha, que impede de valorizar as existências dissidentes no presente? Como corpos dissidentes resistem à temporalidade

normativa que dita marcos de vida, como casamento, carreira e reprodução? Quais são as implicações de se pensar em uma temporalidade queer que não dependa de uma lógica teleológica? De que modos a utopia pode ser pensada não como um destino a ser alcançado, mas como uma prática contínua de resistência e transformação?

Como as práticas pedagógicas podem ser repensadas a partir de uma perspectiva queer, de modo a desafiar as normatividades impostas nos espaços educativos? De quais maneiras a educação formal é um campo de disputa para a legitimação ou subversão das normas de gênero e sexualidade? Como *praticarpensar currículos nosdoscom* os cotidianos, que sejam realmente inclusivos e que não reproduzam violências simbólicas contra corpos dissidentes? De que formas as práticas pedagógicas devem ser pensadas, para que se tornem espaços de resistência e não apenas de transmissão de conhecimento? Quais são os desafios de criar ambientes educativos que não imponham uma lógica binária e normatizadora sobre as dissidências? Como a pedagogia queer pode transformar as relações de poder dentro da sala de aula multicultural, de modo que produza vidas e amplie as diferenças?

Como continuar o pensamento em fuga, sem ceder à tentação de respostas finais?

Como encerrar algo que se construiu apenas por meio de perguntas? É possível falar em considerações finais quando o processo se caracteriza pela abertura e pela indeterminação? De que modos o fechamento de um texto, que se sustenta na dúvida, não trairia o próprio princípio que o orienta? Como resistir à tentação de concluir, de oferecer respostas ou de fixar sentidos? De quais maneiras a ausência de respostas é, em si mesma, um gesto de resistência contra o desejo de controle, de categorização e de normatização? Como preservar a multiplicidade e a fluidez, sem cair na armadilha de buscar uma conclusão?

Como todas essas perguntas podem continuar reverberando, deslocando significados e ampliando as dissidências? De que maneiras o exercício contínuo da pergunta nos convida a habitar o pensamento como um processo em constante movimento, sem destino ou fim definido? O que acontece quando escolhemos não encerrar o discurso, mas deixá-lo em suspensão, como um campo de possibilidades sempre inacabadas? Como as perguntas formuladas ao longo desta reflexão desafiam as fronteiras do conhecimento estabelecido e abrem espaço para novas formas de pensar a educação, a cultura e as vivências LGBTTQIAPNb+?

De que maneiras as perguntas sobre diferenças, poder, resistência, corpo e

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

subjetividades transformam nossa maneira de ver o mundo, as comunidades e a própria prática educativa? De que modos essas indagações denunciam as estruturas normativas que moldam nossas vidas e, ao mesmo tempo, nos convidam a imaginar outras formas de existir? Como podemos continuar a perguntar sem nos prender à necessidade de respostas, permitindo que as dúvidas nos levem a territórios inesperados? É possível uma desterritorialização de um território para que possa ser reterritorializado, no que diz respeito aos acontecimentos maquínicos em dissidência nosdoscum os cotidianos? O que muda quando entendemos o ato de perguntar não como um prelúdio para a resposta, mas como uma prática em si, capaz de gerar horizontes, sentido e outros caminhos para uma investigação científica em Educação que atrela as filosofias da diferença com os estudos culturais?

Como podemos nos comprometer com uma pedagogia que valorize a incerteza e a multiplicidade, em vez da imposição de certezas? De que modos o movimento incessante de perguntar pode ser uma metodologia que valoriza a complexidade das experiências dissidentes, recusando as simplificações que o sistema cisheteronormativo impõe? Até que ponto a própria ideia de método deve ser questionada, quando nos movemos em uma direção que privilegia a dúvida e a abertura? Como seguirmos questionando o que parece dado, o que se apresenta como natural, o que se impõe como incontestável?

Como o exercício de não encerrar o pensamento e de permanecer na indagação pode ser visto como uma prática ética, estética, poética e política? Que implicações essa escolha traz para a forma como construímos o conhecimento, para como nos relacionamos com os outros e para como organizamos nossas vidas em comunidade? De que maneiras as perguntas que permanecem sem resposta são, na verdade, uma forma de resistência à normatividade, à rigidez e à domesticação das subjetividades? De que modos uma pergunta abre outras perguntas, de modo a produzir novos possíveis? Como podemos aceitar que o pensamento é sempre inacabado e que o ato de perguntar pode ser, por si só, um fim?

Se perguntar é resistir à captura do pensamento pelo já dado, pelo conhecido e pelo previsível, como podemos continuar a inventar modos outros de existência que, como um rizoma, proliferem por entre as fissuras do poder, sempre buscando novas linhas de fuga para os corpos em dissidência, sobretudo os, as, es LGBTTQIAPNb+? É possível continuarmos perguntando, visando a produção de outras narrativas em que vidas sejam valorizadas, ouvida e ampliadas? Quantas ampliações são possíveis quando perguntamos? Quantas vidas

são produzidas nestas perguntas em suspenso, que se (re)traduzem em linhas de fuga? Há como não produzir vida pelas perguntas? Há como não indagá-las?

Quem nos leva a perguntar?ⁱⁱ

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade**, vol. 31, n. 113, p. 1195-1212, out./dez., 2010.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa (Org.). Dissidências e conformações: sexualidades e gênero nas experiências trans. 2.ed., Florianópolis: **Revista de Estudos Feministas**, 2012.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan. 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 20. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (vol. III). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia (vol. IV). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (vol. V). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (vol. I). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. (vol. II). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** 3.ed., São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DUGGAN, Lisa. **The Twilight of Equality?** Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy. Boston: Beacon Press, 2003.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; LIMA, Rafaela dos Santos; TINÔCO, Saimonton. Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas... **Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 29, n. 65, p. 71-94, 2024.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Conversas complicadas no Ensino de Química: manifesto por um currículo [Marielle] “Franco”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 9, n. 2, 2023a.

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Entre o que se diz e se escreve: narrativas de docentes das Ciências e Matemática. In: Franklin Kaic Dutra-Pereira e Kátia Cristina Lima Santana (Orgs.). (Org.). **Diálogos e Interfaces da Educação Matemática e da Educação Química**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2024, v. 1, p. 155-175.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. O que faziam professores e professoras de Química numa brinquedoteca? Narrativas e artistagens da experiência. In: COSTA, Efigênia Maria Magalhães Dias; et al. (orgs.). **"Eu estava com saudade de te conhecer"**: travessias da experiência pedagógica na Brinquedoteca "O Grãozinho". Formiga: MultiAtual, 2023b. p. 141-170.

EUGENIO, Fernanda; FIADEIRO, João. Jogo das perguntas: o modo operativo “AND” e o viver juntos sem ideias. **Fractal – Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 221-246, 2013.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Signos artísticos e cotidianos escolares: por outros possíveis de currículo. In: RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva (Coord.). **“Sem lei nem rei, me vi arremessado”**: por outros possíveis de currículo. Painel Temático apresentado na 41ª Reunião Nacional da ANPEd, Manaus, 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n. 98, p. 73-95, 2007.

FONTES, Mônica Santana; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. “Satisfação, necessidade e desejo”: conversas com corpos desejantes sobre sexualidade na educação em ciências. **Revista Areté**, v. 17, n. 31, 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4.ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

GOIS, Pedro; MOURA FERRAZ, Janaynna de. Introdução ao pinkwashing: representatividade e marcas engajadas. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 2, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

IRINEU, Bruna Andrade. Homonacionalismo e pinkwashing à brasileira nas demandas por "cidadania LGBT". **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017.

KASTRUP, Virgínia. A escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, edição especial, 2023.

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 1-128. (Biblioteca Ciências Sociais).

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereiro do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).

OLIVEIRA, Esmael Alves de; MARTINS, Catia Paranhos. Cartografiando territorios (est)éticos-existenciales: Entre imágenes, políticas y poéticas (re)existentes. **Estudios Avanzados**, n. 40, p. 26-47, 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** [vol. 2]. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PRADO, Caio. **Não Recomendado.** Deck Produções Artísticas Ltda, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassetual.** São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. **Cadernos PET Filosofia**, Curitiba, v. 22, n. 1, 2021 (2022), pp. 278-331.

REIS, Graça. A pesquisa narrativa como possibilidade de expansão do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, p. 1-16, 2023.

RIBEIRO, Tiago; REIS, Graça Regina Franco da Silva. Perguntas titubeantes em torno de redes de formação docente, experiências e narrativas? **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 20, p. 11076, 2023.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Bagoas, n. 5, 2010.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica.** São Paulo: n-1, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOFF, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (Orgs.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SEPULVEDA, Denize; CORREA, Renan. Corpos LGBTIA+ dentro e fora do espaço escolar. In: Arthur Vianna Ferreira. (Org.). **TEAR: experiências e saberes extensionistas fluminenses.** Porto Alegre: Livrologia, 2023, v. 1, p. 143-152.

SEPULVEDA, Denize; CORREA, Renan. A importância das discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas: combatendo práticas conservadoras misóginas e LGBTIfóbicas. Instrumento: **Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 23, n.2, p. 278-296, 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; MERLADET, Fábio André Diniz; D'AVIGNON, Maria Giulia Scheeffer. O fim do mundo do fim. **Inter Ação**, Goiânia, v. 47, n. 3, p. 994-1008, 2022.

TINÔCO, Saimonton. Carta pedagógica por uma ciência com poesia. In: COSTA, Efigênia Maria Magalhães Dias Damasceno; LIMA, Jalmira Linhares; SILVA, Gabriel Medeiros de; SILVA, João Pedro Andrade da (Org.). **“Eu estava com saudade de te conhecer”:** travessias da experiência pedagógica na Brinquedoteca “O Grãozinho”. Formiga: MultiAtual, 2023. p. 256-272.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, e89212.

É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?

YORK, Sara Wagner; SEPULVEDA, Denize. Pedagogias em disputa: Denize Sepulveda entrevista Sara Wagner York. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 7, p. 1313-1332, 2021.

Notas

ⁱ Pinkwashing é uma expressão inglesa que significa “lavagem rosa” ou “lavagem de imagem rosa”, em tradução literal para o brasileiro. É utilizada no contexto dos direitos LGBTTQIAPNb+ para referir-se à variedade de estratégias políticas e de marketing dirigidas à promoção de países, pessoas, produtos e/ou empresas. Tais instituições e atores sociais apelam à condição de simpatizantes da causa, ao incorporarem em suas publicidades tal questão social, para obter maiores benefícios comerciais e melhorar as suas imagens no mercado.

ⁱⁱ Como a ausência de referências diretas em uma perguntatexto reflete a ideia de que o conhecimento não se limita a entradas e saídas fixas de autoria? De que modos essa abordagem desafia a necessidade de identificar quem está dizendo o quê, destacando uma perspectiva de composição coletiva e polifônica? Como a prática de não citar autoras e autores específicos permite que a perguntatexto reflita a interconexão e a fluidez do pensamento, ao invés de fixar a autoria em pontos determinados? De que formas vemos o conhecimento como um processo contínuo e não como uma coleção de fragmentos autorais, que autorizam e justificam o indagar? Como essa possibilidade contribui para a construção de um diálogo mais aberto, no qual as contribuições são vistas como parte de um fluxo coletivo e não como elementos isolados que necessitam de validação hierárquica? De quais maneiras a escolha de não identificar diretamente as fontes numa perguntatexto promove uma visão mais integrada e dinâmica do conhecimento, permitindo que as ideias se entrelacem e se desenvolvam em uma conversa contínua? De que formas essa metodologia reflete uma composição mais orgânica e colaborativa, desafiando a necessidade de estabelecermos uma hierarquia ou uma origem específica para as ideias apresentadas? É possível (re)pensarmos a autoria, por meio de uma escrita que pergunta?

Sobre os autores

Franklin Kaic Dutra-Pereira

Doutor em Ensino de Ciências e Matemática (UFRN), professor da UFPB e orientador nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB) e PROFQUI (UFPB). Líder do “COM-FABULAÇÕES: ateliê de pesquisas inventivas em Educação”. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>.

Saimonton Tinôco

Doutor em Educação Especial (UFSCar), professor da UFPB e orientado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd/UFCG). Líder do “COM-FABULAÇÕES: ateliê de pesquisas inventivas em Educação”. Email: saimonton.tinoco@academico.ufpb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4824-5421>.

Recebido em: 02/06/2025

Aceito para publicação em: 19/06/2025